

Currículo contemporâneo: a proposta de ensino para cursos populares construída com apenados da Penitenciária Estadual do Rio Grande

Currículo contemporâneo: la propuesta de enseñanza para cursos populares construida con convictos de la Penitenciaría Estadual de Rio Grande

Peterson Fernando Kepps da Silva¹

Keila Reis Pereira²

Lavínia Schwantes³

Resumo

O sistema prisional brasileiro é marcado mundialmente pela superlotação, falta de estrutura e presença de facções criminosas; além de um tratamento questionável com os detentos. A escolarização dos apenados no Brasil é baixa, principalmente, em homens com idades entre 18 e 34 anos. Neste contexto, o projeto intitulado Cultura da Paz, emerge como uma possibilidade de aproximar a educação dos sujeitos privados de liberdade. O mesmo é um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a partir do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS). Os estudantes que integram o projeto Cultura da Paz são, exclusivamente, apenados do regime aberto e semiaberto da Penitenciária Estadual do Rio Grande (PERG). O presente trabalho se destina a discutir, por meio da apresentação de oficinas pedagógicas, uma proposta curricular contemporânea no que tange o currículo de cursos pré-universitários populares. Para tanto, apresentamos as oficinas pedagógicas desenvolvidas no projeto e discutimos a viabilidade de construção de um currículo que denominamos contemporâneo. Percebemos que as oficinas pedagógicas podem contribuir com a construção desta proposta curricular; e possibilitar a criação de espaços menos rígidos e fixos; o dialogar com o interesse dos alunos; a construção de propostas reflexivas e que estimulem a posição dos estudantes; o trabalho docente executado de forma cooperativa; e a consideração das peculiaridades dos sujeitos e seu cotidiano.

Palavras-Chave: Oficinas pedagógicas, currículo contemporâneo, pré-universitários populares, sujeitos privados de liberdade.

Resumen

El sistema penitenciario brasileño es marcado mundialmente por la superpoblación, falta de estructura y presencia de facciones criminales; aparte del trato cuestionable con los presos. La escolarización de los detenidos en Brasil es baja, principalmente en hombres con edades entre 18 y 34 años. En este contexto, el proyecto Cultura de la Paz, emerge como una posibilidad de aproximar la educación a los sujetos privados de

¹ (Mestre em Educação em Ciências; Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; keppspeterson@gmail.com).

² (Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura; Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; keila93pereira@hotmail.com).

³ (Doutora em Educação em Ciências; Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; laviniasch@gmail.com).

libertad. El mismo es un proyecto de extensión desarrollado por la Universidad Federal de Rio Grande (FURG), a partir del Programa de Auxilio al Ingreso a la Enseñanza Técnica y Superior (PAIETS). Los estudiantes que integran el proyecto Cultura de la Paz son, exclusivamente, presos de régimen abierto y semiabierto de la Penitenciaría Estadual de Rio Grande (PERG). Este trabajo se destina a discutir, mediante la presentación de oficinas pedagógicas, una propuesta curricular contemporánea en lo que se refiere el currículo de cursos preuniversitarios populares. Para ello, presentamos oficinas pedagógicas desarrolladas en proyecto y discutimos la viabilidad de la construcción de un currículo que denominamos contemporáneo. Notamos que las oficinas pedagógicas pueden contribuir con la construcción de esta propuesta curricular y posibilitar la creación de espacios menos rígidos y fijos, como dialogar con el interés de los alumnos, la construcción de propuestas reflexivas y que estimulen la posición de los estudiantes, el trabajo docente ejecutado de forma cooperativa y la consideración de las peculiaridades de los sujetos y su cotidiano.

Palabras claves: Talleres pedagógicos, currículo contemporáneo, preuniversitarios populares, sujetos privados de libertad.

1. Introdução

O sistema prisional brasileiro é marcado mundialmente pela superlotação, falta de estrutura e presença de facções criminosas; além de um tratamento questionável com os detentos, baixo número de agentes penitenciários e funcionários pouco envolvidos com a ressocialização desta parte da população que, segundo o Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2014), possui mais de 600 mil pessoas. O Brasil figura, em números absolutos, na quarta colocação entre os países do mundo com maior população prisional, atrás apenas dos Estados Unidos, China e Rússia. O país também está entre os que mais possuem presos provisórios; isto é, pessoas estão privadas de liberdade e ainda não foram julgadas – aproximadamente quatro entre dez detentos (DEPEN, 2014).

Com relação a escolarização dos apenados no Brasil, em um levantamento realizado pelo Conselho Nacional de Educação, a maioria não concluiu o Ensino Fundamental, principalmente, homens com idades entre 18 e 34 anos (BRASIL, 2012). Como pode ser percebido, o grau de escolaridade da população prisional no Brasil é baixo; estes números se mostram ainda menores se pensarmos, por exemplo, que 32% da população masculina não carcerária possui o Ensino Médio concluído e, da prisional, apenas 8%.

Muito embora existam leis nacionais que asseguram o direito de todos os cidadãos à educação, as pessoas privadas de liberdade, de maneira geral, são pouco assistidas no Brasil. Por isso, entendemos como importante refletirmos sobre a educação como uma, dentre muitas outras, ferramenta que pode possibilitar a construção de formas de vidas que se afastem das que hoje levam estes indivíduos. A partir desta prerrogativa que o projeto intitulado Cultura da Paz se estabelece e emerge como uma possibilidade de aproximar a educação, os saberes populares e o conhecimento científico dos sujeitos privados de liberdade.

O Cultura da Paz é um projeto que faz parte de um programa de inclusão social voltado para a comunidade carente, oferecendo cursos em diversas partes da cidade do Rio Grande e em outros municípios situados no sul do Rio Grande do Sul. O curso faz parte dos projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a partir do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS) – programa de inclusão social que agrupa cursos de apoio educacional popular para o ingresso nos ensinos superior e técnico. Já o projeto Cultura da Paz é voltado, exclusivamente, para apenados do regime aberto e semiabierto da Penitenciaría Estadual do Rio Grande (PERG).

Com relação a sua forma organizacional, o projeto Cultura da Paz desenvolve aulas com assuntos de nível médio das seguintes áreas: Linguagens e Códigos; Ciências Humanas; Ciências da Natureza; e Matemática. As aulas são desenvolvidas por professores voluntários

que estão na graduação dos seus respectivos cursos, cursos assemelhados ou professores formados; de segunda a sexta-feira, no turno da noite nos espaços da FURG. Entendemos como pertinente desenvolver as aulas nos espaços da universidade para que a aproximação entre os alunos e este meio já possa, de certa maneira, ser vivenciada. Os estudantes que integram o curso possuem idades entre 22 e 55 anos e são liberados pelo sistema judiciário apenas para trabalhar e/ou estudar.

Na contramão do que se tem feito pelo sistema carcerário no Brasil, o projeto se situa entre as propostas que visam contribuir com a ressocialização de sujeitos privados de liberdade por meio da educação. As atividades e oficinas desenvolvidas no curso estão para além de conteúdos programáticos a serem transmitidos aos alunos. O trabalho curricular proposto alicerça-se no que estes sujeitos consideram como relevantes de ser discutido, aprendido e problematizado. Embora seja um curso que vise à retomada de conteúdos do Ensino Médio para o ingresso em curso superior, a proposta curricular se assenta em um currículo que Goodson (2008) chama de não prescritivo; isto é, não define o curso de estudos em ordem sistemática ou um instrumento que rege e define o procedimento das atividades e do trabalho docente.

Diante do exposto até aqui, este trabalho se destina a discutir por meio da apresentação de oficinas pedagógicas, uma proposta curricular contemporânea no que tange o currículo de cursos pré-universitários populares.

2. Percurso metodológico

Para a construção deste trabalho, selecionamos cinco oficinas pedagógicas realizadas no projeto Cultura da Paz entre os anos de 2016 e 2017, que tiveram como temas: 1) saúde mental, trabalho e projeto de vida; 2) música e ritmos; 3) direito social; 4) saúde básica; 5) educação patrimonial e fotografia. As oficinas foram realizadas por profissionais das seguintes áreas: psicologia; música licenciatura; direito; enfermagem; e artes visuais.

As oficinas pedagógicas (ou oficina de ensino), de acordo com Vieira e Volquind (2002), podem ser entendidas como uma proposta que cria condições para a vivência do estudante, a promoção da reflexão e a construção de conhecimentos; não somente um espaço ou uma prática cuja função é aprender fazendo. Os autores consideram que aspectos como “o pensar, o sentir, o intercâmbio de ideias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação” (2002, p. 12) são elementos que compõem as propostas das oficinas.

Tomamos a sala de aula, mais especificamente as oficinas pedagógicas, como corpus de análise para a discussão de um currículo que intitulamos como contemporâneo; por isso, inicialmente, descrevemos as oficinas e, posteriormente, travamos uma discussão curricular embasada em autores como Goodson (2008) e Silva (2009). Ainda neste contexto, pensamos na relevância de tornar a sala de aula e as ações, trabalhos e/ou projetos desenvolvidos nestes espaços como lócus de pesquisa e estudo.

3. As oficinas pedagógicas

Dentre as características das oficinas pedagógicas apontadas por Vieira e Volquind (2002), destacamos aquelas que temos percebido no desenvolver do projeto Cultura da Paz, a saber: a reflexão; o diálogo entre os sujeitos; a troca de experiência – que se estabelece a partir do relato particular dos estudantes, do espaço para aprender com dinamismo, de forma a compartilhar saberes; assim como o uso da exposição oral tanto pelo profissional que está

conduzindo a oficina quanto pelo indivíduo que nela está presente e faz parte. Entendemos que os estudantes precisam integrar estas oficinas, não serem expectadores, mas atuarem nos trabalhos propostos, nas discussões e debates.

A relação teoria e prática, em se tratando de oficinas pedagógicas, muitas vezes, objetiva por a primeira em ação; no entanto, não necessariamente, buscamos a produção de um material nesse espaço-tempo em que a oficina é realizada. Isso não minimiza suas potencialidades, já que os temas tratados são indicados pelos próprios estudantes e que, como veremos ao longo dos próximos parágrafos, possuem relação direta com as vivências, contextos e realidades desses sujeitos. Desta forma, entendemos que o não desenvolver de um material físico ao longo (ou ao final das oficinas) não significa que não construímos um produto ou que não temos uma produção efetiva, pois habilidades intelectuais como a reflexão, o questionamento, o compartilhamento de saberes e o respeito às ideias distintas são estimulados e promovidos.

Soma-se a estas habilidades intelectuais, a abertura de um espaço alternativo de aprendizagem, que amplia a relação que teremos com determinado tema; pois não somente a figura do professor estará a cargo de conduzir as discussões ou promovê-las, mas, sim, o profissional convidado se incumbem de abordar a temática partindo do seu campo de atuação e olhar. Todavia, em tempos de *notório saber*, torna-se pertinente pontuar que o papel do professor, isto é, profissional licenciado, não se vê substituído, inferiorizado ou descaracterizado nestas oficinas de ensino. A proposta se assenta, justamente, a partir de objetivos pedagógicos, orientadas por profissionais da educação que se aproximam de outros campos/áreas para, então, contemplar estes estudantes no que tange os seus interesses e anseios.

Na busca por uma educação que faça sentido e seja significativa para os estudantes, apresentamos a atividade sobre saúde mental, trabalho e projeto de vida, desenvolvida por psicólogos e bolsistas do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE), vinculado à FURG. Convidamos a equipe do CENPRE para fazer a oficina sobre dependência química, devido à presença constante de conversas sobre drogas; e a presença de alunos dependentes de algum tipo de químico. Os estudantes relatam a proximidade que tiveram com as drogas, o contato com dependentes químicos e os efeitos sociais que isto provoca em suas vidas. Por esse motivo, a relação entre o projeto Cultura da Paz e o CENPRE foi estabelecida.

A oficina sobre música e ritmos surgiu pela constante batida dos estudantes nas mesas, sempre em ritmos musicais sincronizados e pelo relato de alguns estudantes sobre os seus interesses em bandas musicais. Nesta relação de construir trabalhos com temas próximos aos dos estudantes, convidamos um professor licenciado em música, atuante de uma escola pública da comunidade, a desenvolver este trabalho de cunho musical. A percussão corporal tornou-se, nesta oficina, um recurso musical importante no sentido de apropriação dos sons de seus próprios corpos e recurso sonoro prazeroso.

Ainda buscando atender o anseio e interesse dos estudantes, construímos uma oficina baseada nas indagações dos mesmos sobre questões jurídicas. Percebemos ao longo das aulas, fossem elas de Biologia, Matemática ou Química, que os alunos, frequentemente, voltavam-se a perguntas do campo do direito. Por esse motivo, convidamos um profissional do campo, bacharel, para realizar mais uma oficina no projeto. Convidamos, justamente, um bacharel em direito e não um advogado, para não influenciarmos em uma possível relação comercial e futuras consultorias entre o profissional convidado e os estudantes. Já a elaboração da oficina teve como ponto de partida as inquietações dos estudantes; para isso, solicitamos que eles escrevessem anonimamente o que estavam interessados no que tange às questões de leis e

sistema judicial para, então, encaminharmos estas dúvidas para o profissional. Foi a partir destas indagações relatadas pelos alunos que a oficina foi construída.

Questões de saúde foram e ainda são fortemente sublinhadas pelos estudantes, tanto por muitos possuírem síndromes e doenças crônicas quanto pela exposição direta a outros indivíduos que, por vezes, são acometidos por doenças contagiosas e dividem o mesmo espaço que estes sujeitos. Doenças como sífilis, leptospirose e hepatite fazem parte das indagações dos estudantes, juntamente com o processo de tratamento e o atendimento básico em uma unidade de saúde. Neste contexto, uma profissional da saúde, enfermeira, desenvolveu a oficina voltada para estas temáticas de interesses dos estudantes. As discussões foram norteadas a partir da Educação em Saúde (ES), que se traduz a partir de um significado didático sem compromisso direto com a mudança de atitudes ou hábitos; mas, sim, de possibilitar aos estudantes a reflexão e, por meio desta, baseado em seus conhecimentos, os estudantes passam a decidir que atitudes e ações irão tomar (MOHR, 2002).

Com relação a oficina pedagógica sobre patrimônio, a mesma buscou tratar sobre educação patrimonial e fotografia, discutir a teoria e produzir um material envolvendo estas questões. O trabalho promoveu uma discussão reflexiva sobre o conceito e as aplicações de patrimônio material e imaterial; além da construção de uma parte prática que possibilitou aos estudantes interferir em fotografias impressas, por meio de agulha e linhas eles *costuraram* nas fotografias e puderam se expressar através desta intervenção.

Tomando estas oficinas pedagógicas como instrumento de problematização do currículo contemporâneo, passamos, nas linhas que se seguem, para a discussão do mesmo.

3.1. Currículo contemporâneo

As oficinas detalhadas na seção anterior nos provocam a pensar em um currículo contemporâneo. Pensamos na construção deste currículo a partir de Silva (2009) e Goodson (2008). De maneira geral, estes autores traçam discussões curriculares que levam em consideração o sujeito; o poder de subjetivação do artefato sobre os mesmos; a construção de identidades; a seleção de saberes e conhecimentos que são legitimados por determinado currículo ou excluídos; e as suas influências no trabalho docente e no processo de escolarização. Enfim, são diferentes e diversas problematizações curriculares que cada um desses autores traz para a arena da discussão; e, neste espectro de possibilidades e diálogos, pensamos no currículo contemporâneo.

A despeito do currículo contemporâneo, entendemos que alguns aspectos precisam ser considerados para que haja a sua constituição. Atribuímos a este currículo características como: estratégias adaptativas; relação teoria e prática; valoração de habilidades intelectuais e múltiplas identidades; construção de espaço aberto a divergência, ideias e promoção de respeito; e socialização. Estas características fizeram parte das oficinas pedagógicas apresentadas neste trabalho e sustentam a nossa ideia de um ensino que se parametrize a partir destas questões. Tanto a escola básica quanto cursos populares destinados ao ingresso de estudantes no Ensino Superior podem operar de modo que o ensino esteja arquitetado em propostas que levem, sobretudo, em consideração as peculiaridades dos sujeitos.

Traçar uma discussão sobre peculiaridades ou características dos sujeitos e local em que estão inseridos não é novidade no campo educacional. Estudiosos e pensadores na área já discutiam e ainda hoje discutem sobre isso; entretanto, temos propostas nacionais que visam construir um projeto de educação e de sociedade firmado numa base unitária com uma parte que, supostamente, seria diversificada. Isso nos indica a necessidade de, ainda hoje, problematizarmos a ideia de uma base curricular e seus efeitos no processo de escolarização e

no trabalho docente; assim como a supremacia destas propostas totalizantes no cenário educacional em detrimento das singulares. Estamos querendo dizer que propostas curriculares como estas dificultam a movimentação de um currículo que contemple as especificidades de cada indivíduo e região, além de propiciar um processo de homogeneização das escolas, das culturas, das expressões, dos sujeitos.

Para além de uma discussão sobre bases nacionais, que fogem do escopo deste trabalho, colocamos as oficinas como uma forma de por em ação o currículo que denominamos como contemporâneo. As oficinas tiveram uma construção colaborativa entre os professores do projeto Cultura da Paz, coordenadores e profissionais convidados, levando sempre em consideração as proposições dos estudantes. Foram adaptadas a estes estudantes, privados de liberdade, que possuem Ensino Médio, e um contexto de vida peculiar. Além disso, habilidades intelectuais, isto é, ações reflexivas, posições questionadoras e o compartilhar de ideias e saberes foram estimulados e promovidos.

4. Conclusões

Retomando as discussões realizadas, percebemos que as oficinas pedagógicas podem contribuir com a construção de um currículo que entendemos como contemporâneo. A criação de espaços menos rígidos e fixos; o dialogar com o interesse dos alunos; a construção de propostas reflexivas e que estimulem a posição dos estudantes; o trabalho docente executado de forma cooperativa; a consideração das peculiaridades dos sujeitos e seu cotidiano são elementos que configuram esta proposta pedagógica de trabalho.

Além disso, é de suma importância refletir e atentar para a realidade prisional no Brasil, tendo em vista que a educação pode ser uma potente ferramenta na construção de uma sociedade menos desigual. No entanto, apesar dos desafios e dificuldades que pairam sobre o desenvolvimento deste tipo de proposta de ensino, destacamos a viabilidade da sua execução. Cabe, ainda, nos colocarmos na zona do indeterminado e pensarmos: que currículo construímos enquanto professores e professoras? Que currículo movimentamos? Que sujeitos formamos?

Referências

BRASIL, Portal Brasil. 2012. *Levantamento mostra escolaridade dos presidiários no País*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/04/levantamento-mostra-escolaridade-dos-presidiarios-no-pais>. Acesso em: 06 out. 2017.

DEPEN, Departamento Penitenciário Nacional. 2014. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias*. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>. Acesso em: 06 out. 2017.

GOODSON, I. F. *As políticas de currículo e escolarização*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 167 p.

MORH, A. *A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências*. 2002. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 154p.

VIEIRA, E. VOLQUIND, L. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* Porto Alegre: Edipucrs, 2002. 57p.